

filial. O seu romance — *Os Índios do Jaguaribe*, 1862, é o primeiro “romance cearense”. É grande figura das belas-lettras nacionais, pois que o seu talento e a sua originalidade o conduziram à singular evidência de ter provocado a chamada “literatura do Norte”, que se caracterizou, a sua, por um naturalismo tradicionalista, na expressão de Clóvis Beviláqua, ou naturalismo aldeão ou campesino, como prefere Sílvio Romero, com cenas e tipos que são estudados ao vivo, copiados do natural, e não presos ao mero ficcionismo, além de situados em épocas do passado e em paisagem onde se movimentam, no seu particular estilo de viver, as gentes simples da roça, do sertão. Os seus romances *O Cabeleira*, 1876; *O Matuto*, 1878, e *Lourenço*, 1881, tido este como a sua obra-prima, e todos publicados quando o autor já residia no Rio de Janeiro, compõem a tripeça sobre que o audacioso novelista ideou assentar a sua inovação literária, de começo atacada, mas no futuro plenamente vencedora. “Se Távora não tem tanta imaginação quanto Alencar, tem mais que ele o faro psicológico e a firmeza das tintas; se não possui o talento da análise psicológica em dose igual a Machado de Assis, sobreleva-o em vibração realística das impressões e do estilo” — é conceito do aludido Sílvio Romero. Cultivou o teatro (drama e comédia), a crítica e a história. Era funcionário da Secretaria do Império e pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi secretário e orador oficial. Publicou, afora as obras citadas: *Trindade Maldita* (contos), 1861; *Um Mistério de Família* (drama), 1861; *A Casa de Palha* (romance), 1866; *Um Casamento na Arrabalde* (romance), 1869; *Três Lágrimas* (drama), 1870; *Cartas de Semprônio a Cincinato* (crítica), 1871; *Lendas e Tradições Populares do Norte*, 1878; *Sacrifício* (romance), 1879.

## 1º OCUPANTE

LEONARDO Ferreira da MOTA. É o LEOTA, pseudônimo que subscreveu as mais interessantes crônicas, rendilhadas de facécia, com que por largos anos se regalaram os leitores de jornais e revistas do Ceará. É o folclorista impenitente, que

perlustrou o sertão do Brasil à cata das puras gemas da sabedoria popular, podendo oferecer das suas viagens os mais substanciais resultados, contidos, com documentação copiosa e valiosa, nos diversos livros que publicou. E tanto, que “ficou em moda elogiar Leonardo Mota, a mor parte socorrendo-se da idéia comum, que era a mais ajustável, de considerá-lo o mineiro descobridor de filões exuberantes de ouro e das pepitas riquíssimas da poesia matuta, até ali anônima, vivendo de boca em boca mas sem os nomes dos donos”. (Raimundo Girão.) “Mistral brasileiro”, “O Príncipe dos folcloristas nacionais”, “Missionário da lira plebéia”, uma infinidade de epítetos elogiativos recebeu. Até Grieco botou nas nuvens “o garimpeiro de filões poéticos”, bem diferente de “Catulo da Paixão, que tirou carta de gênio e se presume uma espécie da sapiência enciclopédica”. Nasceu Leonardo Mota em Pedra Branca, no dia 10 de maio de 1891, sendo filho de Leonardo Ferreira da Mota e Maria Cristina da Silva Mota. Terminou o curso de preparatórios no Liceu do Ceará (1909), depois de ter estudado em escolas primárias de sua cidade e de Quixadá, no Seminário de Fortaleza (1903), e no Colégio S. José, do mosteiro de S. Bento, na Serra do Estêvão (1904 a 1908). Baharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em abril de 1916, não sem ter freqüentado a do Ceará, cujo curso interrompeu por ter necessidade de ganhar a vida, indo ensinar em Guaramiranga e no Ipu. Nesta cidade, fundou o jornal *Gazeta do Sertão* (1913), claro sinal de sua invencível inclinação para as coisas da imprensa. Em Fortaleza foi redator do *Correio do Ceará* e diretor da *Gazeta Oficial*. Foi notário público, tendo vendido o cartório para, com o dinheiro, custear as suas excursões boemo-folclóricas. Após tal existência, assim nômade, entrou a viver sedentariamente, para as Letras e para a Fé. Foram verdadeiramente eucarísticos os seus derradeiros anos. Pertenceu ao Instituto do Ceará, “a sua segunda família”. Faleceu em 2 de janeiro de 1948. Publicou: *Cantadores*, 1921, 2a. ed. 1953; *Viroleiros do Norte*, 1925, 2a. ed. de 1955, Prêmio da Academia Brasileira de Letras; *Sertão Alegre*, 1928; *No Tempo de Lampião*, 1930; *Prosa Vadia*, 1932; *A Padaria Espiritual*, 1938. Há novas edições de suas obras tiradas pela Imprensa Universitária do Ceará.